

# DES-COBRINDO A PALAVRA

## FINDING THE MEANING

Iliane Tecchio<sup>1</sup>

**RESUMO:** A partir dos itens lexicais <porco> e <garganta> apresentados neste artigo, discute-se as implicações significativas que um determinado item lexical é passível de carregar, ou seja, os aspectos polissemicos, mediado por um determinado contexto cultural ou mais especificamente, por um determinado grupo social localizado em um específico espaço social, histórico e geográfico.

**Palavras-chave:** léxico; polissemia; cultura.

**ABSTRACT:** From the lexical items <pig> and <throat> presented in this article, we discuss the implications that one particular lexical item would carry, namely, the polysemic aspects, mediated by a particular cultural context or more specifically, for a given group located in a specific social, historical and geographic space.

**Keywords:** lexicon; polysemous; culture.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é parte dos estudos realizados para compor a pesquisa de dissertação de mestrado defendida em agosto de 2010, a qual teve como eixo norteador, entre outros aspectos, a interpretação de determinadas unidades lexicais que participam na composição das proposições apresentadas no discurso da personagem Squealer, traduzido como Garganta, da obra *Animal Farm* (1945) de George Orwell, e que marcam a argumentatividade de forma a estabelecer e sustentar relações de dominação e poder no espaço diegético.

Assim, este trabalho tem como objetivo elucidar aspectos polissemicos denotativos e conotativos que circunscrevem um determinado signo, e para isso, selecionamos os léxicos <porco> e <garganta>, por serem expressivos no entendimento da obra analisada. Nossa intenção ou talvez, contribuição, é mostrar que uma palavra adquire conceitualizações diversas, que se faz perceber em diferentes registros bibliográficos e, chamar a atenção que “a língua não é neutra, mas erigida a partir de uma teia de significados que são históricos” (BRITO, 2003, p. 135).

Os exemplos aqui apresentados foram investigados, primeiramente, como verbete isolado do uso na frase ou sentença, como por exemplo, no tratamento elencado pela lexicografia - uma vez que, atribui-se aos dicionários a responsabilidade

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Inglesa pelo município de São José/SC, doutoranda da Pós Graduação em Estudos da Tradução - UFSC- Florianópolis/SC.

de registrar a práxis linguística - e, posteriormente foram coletadas informações de referências gerais acerca dos itens investigados. A partir das definições citadas, procura-se mostrar que a significação/interpretação de um determinado item lexical se encontra particularmente relacionada ao uso que se faz do mesmo e que o significado, por sua vez, depende da frase em que este está sendo usado. Isto noticia a idéia que um texto não acontece em um vácuo, como destaca Hatim (2009) e que todo texto acontece em uma situação, representa um evento comunicativo e, portanto, tem uma certa intencionalidade. Estar atento a estas dimensões é primordial para a percepção dos recursos linguísticos, da linguagem utilizada nos textos, da maneira como a linguagem molda e é moldada pelos discursos, isto é, a maneira como os textos são construídos (textura) não é inocente.

Tomando estas premissas por justificativa, apresentamos a seguir, a tarefa que nos propomos neste artigo, que organizamos em subitens para melhor distribuição e no final, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas que embasaram o estudo.

## 1 LEXEMA <PORCO>

Ao assimilar uma determinada língua, no escopo de uma cultura, boa parte dos estereótipos conceituais nos é relegados *prêt-à-porter*. A figura do porco traz consigo conceitualizações paralelas historicamente e culturalmente definidas. Vejamos alguns exemplos:

a – Definições Dicionarizadas:

*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986, p. 1367):

**Porco:** (do lat. porcus). s.m. 1. Mamífero da ordem dos artiodátilos, não ruminantes, originário do javali, porém existente em quase toda a parte como animal doméstico. 2. P. ext.: carne de porco. 3. Fig. Indivíduo sujo, imundo. 4. Adj.: Sujo, imundo. 5. Grossoeiro, torpe, obsceno.

*Dicionário Brasileiro Globo*, na sua 44ª edição (1996, p. 488):

**Porco:** S.m. 1. Zool.: quadrúpede mamífero (*Sus domesticus*) da ordem dos artiodátilos; não ruminante; cerdo, suíno. 2. Fig.: homem sujo; imundo; trapalhão. 3. Pop. O mesmo que porco-sujo. 4. Adj.: sujo; imundo; indecente; obsceno; torpe.

*Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa* (1999, p.728):

**Porco:** S.m. (do lat. porcus). 1. Denominação comum a mamíferos artiodátilos, suiformes, sem chifres, que apresentam de 38 a 44 dentes, sendo os caninos grandes e as presas curvas; suíno. Mamífero doméstico criado devido à sua carne comestível e saborosa. 2. Bras. (CE): bebedeira, embriaguez, pifão. 3. Fig.: pessoa suja, imunda, vil, obsceno, indecente, trapalhão, que faz tudo sem apuro, sem perfeição.

## 5. Pop.: o diabo.

*Dicionário Online de Português:*

**Porco:** S.m. quadrúpede mamífero doméstico da família dos suídeos, ordem dos artiodátilos. 2. Fig.: Indivíduo sujo, imundo, obsceno. 3. Pop.: o diabo; sujeito de má índole que tende a contrariar os demais.

Nietzsche citado por Eagleton (1997, p. 175) postula em relação ao significado lexical inferido a partir de dado vocábulo:

O significado é apenas o que arbitrariamente construímos por nossos atos doadores de sentido, assim, se faz necessário uma pesquisa para além das informações semânticas e considerar o signo linguístico na sua extensão, marcado por construções que são histórico-culturais, considerando que a canonicidade expressa nos dicionários não contempla por extenso as “transgressões” ficcionais.

Aceitando as afirmações de Nietzsche, se faz relevante, portanto, uma análise dos sentidos conotativos subscritos à palavra *porco*. O sentido denotativo, ofertado pelos estudos biológicos, mais explicitamente pelas análises oriundas do ramo da zoologia, estabelecem parâmetro de identificação do “animal porco”: *quadrúpede mamífero, originado do javali, suíno, de carne comestível*. Todos estão, em maior ou menor medida, de acordo neste sentido.

A partir do momento que o “porco” na categoria de <nome> passa a ocupar função de <adjetivo>, evidencia-se que da classificação biológica “animal”, este passa a elencar traços a serem eventualmente atribuídos ao “ser humano”, como observado nas definições dos dicionários apresentadas anteriormente. Logo, o referente para o significante “porco” remete não somente à categoria gramatical <nome>, *animal/suíno*, mas também ao elemento <adjetivo> repleto de traços de sentido, histórica e culturalmente atribuídos ao animal, passíveis de serem transferidos ao “humano”.

Portanto, ao fazer referência a comportamentos de determinados indivíduos usando o adjetivo “porco”, ativa-se componentes semânticos como: *sujo, imundo, obsceno, etc.* que, conjugados a outros componentes situados em campos semânticos e lexicais afins, respondem às conceitualizações culturais cristalizadas pela (e) na língua. A própria imagem do *porco animal*, relacionadas à imagem do homem, transmite a ele características historicamente construídas, participando na construção das conotações, das associações e dos exemplos registrados nos dicionários que representam os usos definidos na (e pela) língua, o que pode se observar, também, nas informações a seguir.

b – Na visão Sacra:

De acordo com Stephan (2009) a história do porco é marcada por amores e desamores, ocupando lugar notoriamente significativo nas religiões, sobretudo na Judaica e na Islâmica. Vários registros na Bíblia corroboram para a construção negativa da figura do porco. Os textos sacros como o Levítico, capítulo 11, pregava aos judeus que:

São esses os animais que poderão comer entre todos os animais terrestres. Vocês poderão comer todo animal que tem o casco fendido, partido em duas unhas e que ruma. Dentre os animais que ruminam ou tem o casco fendido vocês não poderão comer as seguintes espécies: [...] considerem impuro o porco, pois apesar de ter o casco fendido, partido em duas unhas, não ruma. [...]. Não comam a carne desses animais, nem toquem o cadáver deles, porque são impuros. (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 126).

Fedeli (2009) destaca que no Antigo Testamento Deus proibiu que se comessem certos animais, considerados impuros, por razões simbólicas ou de higiene, ou ainda porque eram animais sacrificados aos ídolos. Mas a razão principal da proibição da carne de porco, segundo o autor, decorria de seu “símbolo”; “o porco tem uma dobra no pescoço, que o obriga a olhar para baixo. Deste modo, ele simboliza aqueles que só têm olhos para o que é terreno, só para o que é vil, e jamais olham para o céu”.

Outro fator adicionado a proibição concerne à rumação. A rumação no Antigo Testamento é símbolo da meditação. Do mesmo modo que o ruminante mastiga várias vezes o alimento para após ingeri-lo, assim também quem medita faria o pensamento voltar várias vezes à mente, para melhor aproveitá-lo, como observado na passagem de Deuteronômio 14:8: “Quanto ao porco que tem o casco fendido, mas não ruma, vocês o considerarão impuro: não comam sua carne, nem toquem no seu cadáver” (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 212).

No Novo Testamento encontramos passagens que associam a figura do porco ao profano, àquilo que não é sagrado ou ao pecado humano, como constatado em Mateus 7:6: “Não deem aos cães o que é santo, nem atirem pérolas aos porcos: eles poderiam pisá-las com os pés, e virando-se, despedaçar vocês” (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 1246).

As considerações histórico-culturais envolvendo as representações do porco espelham a predominância da imagem negativa circunscrita em torno desse animal como pontua Myoshi (2009) no artigo *A História do Porco*. O pesquisador relata que o relacionamento ambíguo entre os seres humanos e os suínos. De um lado, o porco constitui símbolo de fartura: a célebre figuração do “cofrinho de moedas” deriva de formas abundantes e também de sua prodigiosa fecundidade. Entretanto, se não for considerado o mais vil dos animais, assume e personifica vícios agrupados: o porco é adotado por representar a gula, a luxúria, a preguiça, a ganância e, por vezes também, sem que se compreenda bem as razões para tal, a ira.

Os suínos apareceram há mais de 40 milhões de anos. Sua domesticação, antes creditada aos chineses, remonta há mais de 10.000 anos atrás em aldeias do leste da Turquia. Também data da antiguidade as primeiras polêmicas que cercam o consumo da carne suína. No antigo Egito havia preconceito contra a carne de porco como alimento. O consumidor deveria purificar-se. Moisés proibiu o consumo de porco pelos hebreus. Os árabes, influenciados pelos hebreus, não comiam carne de suíno antes de Maomé. O Alcorão proibiu rigorosamente o seu consumo. Por isso não há porcos no Irã.

Mas os babilônios e os assírios muito apreciavam o porco. Faziam-no figurar em suas esculturas e baixos-relevos. Os gregos e, sobretudo os macedônios, eram grandes apreciadores da carne suína. Os gregos criavam suínos e os dedicavam a sacrifícios aos deuses Ceres, Martes e Cibeles. Para os habitantes da ilha de Creta, estes animais eram sagrados, sendo considerado o principal alimento de Júpiter, que segundo a lenda teria sido amamentado por uma porca. Durante o Império Romano, houve grandes criações de suínos, e sua carne era apreciada em festas da Grande Roma e também pelo povo romano. Catão acreditava que a prosperidade de um lar se avaliava pela quantidade de toucinho armazenada. Também entre os povos germânicos era um alimento muito procurado. Carlos Magno prescrevia para seus soldados o consumo da carne de suíno.

Não se trata aqui de fazer um relato histórico em extensão, mas através desta entrada histórica, pensar sobre os preconceitos e tabus que são determinados, em grande parte, pela força dos usos linguísticos, que espelham a permuta de traços semânticos que incidem sobre o significado e não nomeadamente sobre o significante. As conotações atreladas à unidade lexical *porco* se constroem e se calcificam a partir da visão do homem em seu meio específico, fazendo emergirem conceitualizações e expressões como, por exemplo: “espírito de porco”.

## 2 LEXEMA <GARGANTA>

A palavra *Garganta*, vocábulo que aparece como tradução do nome Squealer, é utilizada, no sentido denotativo, pela anatomia, para descrever a parte do pescoço anterior à coluna vertebral, formada pela faringe e laringe. Refletindo sobre a escolha lexical do tradutor da obra *Animal Farm*, Heitor Aquino Ferreira, a evidência sugere que o tradutor empregou um equivalente para o nome Squealer não no sentido denotativo, mas numa perspectiva conotativa e até associativa do signo linguístico, construída histórica e culturalmente e cristalizada pelos seus usos que acabaram por gerar vasto leque polissêmico.

Toda e qualquer unidade lexical parece passível de apresentar pluralidade de significações. Tal fenômeno induz a pensar que palavras e expressões se revestem de novos significados conforme o contexto, ou seja, geram sentidos conotativos no seio de jogos semânticos inerentes à própria língua/linguagem.

Exemplos de cenas conotativas referentes ao signo *garganta* são alegados em dicionários, como exemplos citam-se:

- Dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* (2009, p. 954):

**Garganta:** [...]. 3. p. met. A voz (é um cantor de poderosa garganta). 4. p. metf. Mentira, bravata de fanfarrão. [...]. 9. Diz-se de uma pessoa que conta vantagens, bravatas ou mentiras.

- Dicionário *Novo Aurélio do século XXI* (1999, p. 970):

**Garganta:** [...]. 2. p. ext. a voz. [...] 7. Bras. Pop.: fanfarrão, ser intolerável, insuportável.

- Dicionário *Larousse Cultural da Língua Portuguesa* (1999, p. 460):

**Garganta:** 2. p. ext. a própria voz. [...] 5. Pop. Mentira, fanfarronice; ser um garganta: ser exagerado, metido. 6. Ter algo atravessado na garganta: não poder esquecer.

Através do exemplificado acima, é possível evidenciar a pluralidade de significados que determinado signo linguístico pode vir a apresentar, não apenas intralinguisticamente, mas também entre duas línguas, como será evidenciado em relação à *squealer*.

O dicionário Oxford (2002, p. 256) nos apresenta as seguintes definições em relação à entrada *squeal*:

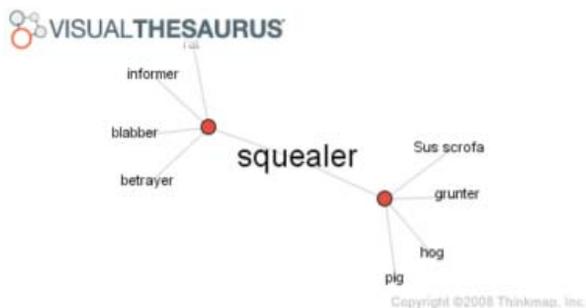
**Squeal:** Verb: 1. To make a long, high song. [...] 2. To speak in a very high voice especially when you are excite or nervous. 3. To give information. (...). Noun: a long cry or sound.

O dicionário citado acima, não apresenta a palavra *squealer*. Na busca pelo termo, encontramos citações em dicionários *on-line*, principalmente em dicionários de Thesaurus. Destacamos algumas definições a seguir:

No *The Free Dictionary* temos:

**Squealer:** 1. Noun: one who reveals confidential information in return for money;  
- Informant, source: a person who supplies information;  
- Nark: an informer or spy working for the police.  
2. Domestic swine: pig, pork, hog, grunter.

O dicionário *on-line* "*thesaurus.com*" apresenta o termo *squaler* como sendo sinônimo de diversificados termos, representado graficamente:



As correlações entre Garganta e Squealer, comprovam a carga semântica atribuídas a eles e que quando utilizadas para “batizar” expressam idéias culturais e juízos de valor. Herman Paul (1966, p. 83) esclarece como a multiplicidade de sentidos está diretamente relacionada com a representação da palavra num dado contexto sócio- cultural. Ele afirma que a significação usual compreende todo o conteúdo ideológico que se relaciona com uma palavra para os indivíduos duma entidade lingüística, e por significação ocasional aquele conteúdo ideológico que a pessoa que fala relaciona com a palavra ao pronuncia-la e que ela espera que também o ouvinte relacione com a mesma palavra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a língua/linguagem uma das principais faculdades humanas, e por fazer parte do nosso cotidiano é tratada com uma certa naturalidade, gerando, em muitos casos, uma inabilidade de identificar as estratégias escondidas nas entrelinhas. Assim, para não estar preso na rede de significados presentes na língua, se faz relevante ter consciência da etimologia das palavras, de sua história e das possíveis alterações de significados que se processam em seus usos, conforme os interesses políticos, econômicos, culturais, pois, de acordo com Kock (1984, p. 29) não basta conhecer o significado literal das palavras ou sentenças de uma língua, é preciso saber reconhecer os seus empregos possíveis, que podem variar conforme as intenções do falante e as circunstâncias de sua produção.

Portanto, um estudo sobre aspectos polissêmicos, revela não apenas os diferentes significados atrelados a um determinado item lexical, mas também valores de uma época, a cultura de uma determinada região. Permite ir além da carga semântica denotativa e conotativa, possibilitando o entendimento dos mecanismos lingüísticos presentes em atos comunicativos expressos de forma oral (por exemplo: discurso político) e/ou escrito (por exemplo: anúncios/mensagens publicitárias presentes em jornais, revistas).

Por fim, destacamos uma citação de Barthes (2007, p. 5) que nos parece, complementa as reflexões expostas neste artigo: “A língua não se esgota na mensagem que engendra, pode sempre fazer ressoar outra coisa para além do que é dito”.

## REFERÊNCIAS

- ALBIN, Veronica. What’s in a name: Juliet’s Question Revised. *Translation Journal*, v. 7, n. 04, out. 2003. Disponível em: <<http://www accurapid.com/journal/26names.htm>>.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução de Ivo Storniolo et al. São Paulo: Paulus, 1990.
- BRITO, L. P. L. Língua e ideologia: a reprodução do preconceito. In: BAGNO, M. *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- CEIA, Carlos. Personificação. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E - Dicionários de Termos Literários*. 2005. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/personifica%C3%A7%C3%A3o.htm>>

COELHO, Nelly Novaes. Fábula. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-Dicionários de Termos Literários*. 2005. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/fabula2.htm>>.

DICIONÁRIO Brasileiro Globo. 44. ed. São Paulo: Globo, 1996.

DICIONÁRIO Informal. *Garganta*. 2009. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=garganta>

DICIONÁRIO Online de Português. *Porco*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/porco/>>.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Tradução de Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

FEDELI, Orlando. *Os animais e seus significados*. Montfort Associação Cultural, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br>>.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1957.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

GRANDE Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HATIM, Basil. Translatin text in context. In: MUNDAY, Jeremy. *The Routledge Companion to Translation Studies*. Great Britain: Routledge, 2009.

HORNBY, A.S. *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*. 6th ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.

INFOPÉDIA. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2009. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt>>.

KOCK, Ingedore Villaça. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 1987.

ORWELL, George. *A revolução dos bichos: um conto de fadas*. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PAUL, Hermann. *Princípios fundamentais da história da língua*. Tradução Maria Luísa Schemann. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

POUR, Behnaz Sanaty. How to Translate Personal Names. *Translation Journal*, v.13, n. 04, out. 2009. Disponível em: <<http://www accurapid.com/journal/50proper.htm>>.

SEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

STEPHAN, Luiz Antônio Caixeiro. *A história dos porcos*. 2009. Disponível em: <<http://lactstephan2.blogspot.com/>>.

THESAURUS.COM. Squealer. *Dictionary.com, LLC*. 2010. Disponível em: <<http://thesaurus.reference.com/browse/squealer>>.